

44^o 25 112 v. 87 21

S E R M A Õ
DAS SOLEMNISSIMAS
E X E Q U I A S
DO SERENISSIMO SENHOR REY
D. J O A Õ V.

Que celebrou na sua Cathedral

O EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

D. JOAÕ DE N. S. DA PORTA,

Bispo da Cidade de Leyria, do Conselho de
Sua Magestade &c.

P R E' G O U - O

O P. Fr. ANTONIO DA ASSUMPÇÃO,

*Da Sagrada Ordem dos Prégadores, Prégador Geral, e Vi-
gario das Religiosas do Mosteiro de Santa Anna da
mesma Cidade,*

Aos 11. de Agosto de 1750.



L I S B O A :

Na Officina de IGNACIO RODRIGUES.

Anno de MDCCLI.

Com as licenças necessarias.

SERVA

DAS COLEÇÕES

EXTRAS

TO SERENISSIMO

D. JOÃO

Que colheção de

O TITULO DE

D. JOÃO DE N. S. DA PORTA

Bispo da Igreja de Lisboa, do Conselho de

do Arcebispo de

F. R. C. O. U. S.

O. P. R. A. Z. T. O. R. I. O. D. A. A. S. S. U. M. P. T. I. O.

De D. João de N. S. da Porta, Bispo da Igreja de Lisboa, do Conselho de

do Arcebispo de

do Arcebispo de

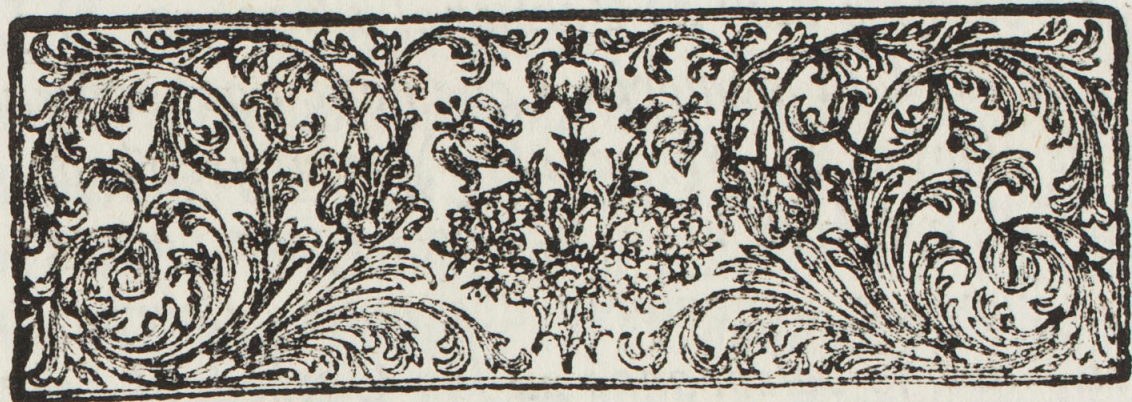


LISBOA

NO ORDENAMENTO DE

ALMOXARIFE

Com as respectivas



AO EX^{mo} E R^{mo} SENHOR
D. J O A Õ
DE N. S. DA PORTA,
Bispo de Leiria, do Conselho de S. Magestade, &c.



OFFEREÇO a V. Excellencia
aquelle mesmo Sermaõ, que tive a honra de pré-
gar nas solemniſſimas Exequias do sempre Augus-
to,

to, e Poderoso Rey de Portugal o Senhor D. João
V. de saudosa memoria, (que nunca achará enxu-
tos os olhos desta Monarchia) cuja acção pia, e
religiosa celebrou V. Exc. com tanta pompa, que
fez escurecer a memoria dos mais celebres fune-
raes, que se celebraraõ na sua Cathedral, antici-
pando-se nesta religiosa, e pia acção a todos os
Prelados Diocesanos, para ser entre todos singu-
lar; cujo predicado he imprescindivel de V. Excel-
lencia: porque se olharmos para a Antiquissima Ar-
vore dos Tavoras, e para a Illustrissima dos No-
ronhas, de quem V. Excellencia he Nobilissimo
fructo; se o observarmos, exercitando o sagrado
ministerio Pontificio, que dignamente logra, que
havemos dizer, senão que he V. Excellencia en-
tre todos muito singular? Quem não sabe que a an-
tiguidade da Nobilissima Familia dos Tavoras,
he de tempo immemorial, Senhores das Villas de
Tavora, Valença, e Castanheira, as quaes possuem
sem ter dellas doação de Rey algum, de donde
se mostra serem Senhores dellas, antes de haverem
Reys em Portugal: e por tradição antiga, que as
ganharaõ dos Mouros, e que descendem de ElRey
D. Ramiro II. de Leão, por seu filho o In-
fante D. Alboasar Ramires? Da Casa dos Mar-
quezes de Tavora sahio o Illustrissimo e Excel-
lentissimo Senhor Miguel Carlos de Tavora, que
casan-

casando com a Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Maria Caetana da Cunha, Condeessa, e Herdeira da Casa de S. Vicente, delles nasceo o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Manoel Carlos de Tavora e Cunha, IV. Conde de S. Vicente, que casando com a Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Isabel de Noronha, filha do IV. Conde de Arcos, forão os Nobilissimos Pays de V. Excellencia, procedendo esta Illustrissima Senhora do Senhor D. Affonso, Conde de Giron, e Noronha, que, sendo filho de El Rey D. Henrique II. de Castella, casou com a Senhora D. Isabel filha de D. Fernando, unico deste nome, Rey de Portugal, de cujo Augustissimo consorcio procedem todos os Noronhas.

Esta he em summa a breve noticia, que se pôde dar da Nobilissima, e antiquissima Ascendencia de V. Excellencia, que o faz tão unico, e singular: e no meu conceito bastava por elogio de V. Excellencia o que hum Politico da Corte, fallando-se na elevada Ascendencia de V. Excellencia, disse: O Excellentissimo Bispo de Leiria todo he Real: e assento que dos seus Ascendentes se podem tirar linhas, porque se mostre que nas suas vêas se conhece o sangue Real dos Imperadores, e de todos os Reys da Europa: assim o digo, e o affirmo. Todos estes esplendores da Nobreza mais preclara

ra

ra sepultou V. Excellencia recolhendo-se aos Clau-
stros da Religiaõ, conhecendo, como prudente, que
a verdadeira Nobreza não he a que procede dos Il-
lustres Progenitores, senão das virtudes proprias.
Nobilitate illustres existimate, non qui ex bonis,
& probis procreati sunt, sed qui bonitatem, &
probitatem profitentur, disse Teopompo. Mas co-
mo o Sol por mais que occulte os rayos debaixo da
negra nuvem, sempre reverberaõ seus esplendores;
porque ao mesmo tempo: Latet, & lucet, V. Ex-
cellencia, á sua imitaçaõ, não pode occultar os luzi-
mentos, por mais que estivesse no retiro dos Claus-
tros; causa, porque o Augusto Monarcha, que la-
mentamos morto, mandou que esta luz resplende-
cesse em lugar superior, para que todos participas-
sem do seu resplendor. Esta fortuna alcançaraõ os
que tiveraõ a dita de serem subditos de V. Excel-
lencia, pois experimentaõ todos na docilidade de
seu genio amor de pay, tanto, que at é os mesmos
culpados encontraõ, na rectidaõ da Justica, piedade
no castigo. Em .iij. publicaçõ todos que he V. Excel-
lencia hum exemplarissimo, e singular Prelado, sen-
do como o Sol, que, communicando os seus resplen-
dores aos montes, não os nega aos valles; não só
olha para os grandes, tambem se lembra dos peque-
nos, em mim se verificou esta verdade, pois, sendo
destituido de dotes sublimes, V. Excellencia se di-
gnou

gnou de me eleger para Orador destas solemnissimas, e Reaes Exequias: cuja eleição me elevou a tão alta esfera, que me he preciso reflectir sobre mim, para me não desvanecer; e assim para expressão do meu agradecimento, e satisfação da minha divida, (que será eterna) offereço a V. Excellencia este Sermaõ: bem sey que por meu he limitada offerta para se offerecer a tão Soberano Principe, se não me convencera que o Nobilissimo Coração de V. Excellencia não olhará tanto para a limitação do tributo, como para o impulso do obsequio; porque não he indecoroso á grandeza do Mar receber com a mesma affabilidade tanto os pequenos regatos, como os caudalosos Rios, pois estes o não buscão com mayor sympathia, ainda que lhe tributem mais riqueza. He o Mar o Emblema dos Principes, por admittir com igual benignidade os tributos dos grandes, como dos pequenos: attributo singular, que V. Excellencia logra, entre muitos, que o Ceo lhe concede; pois com huma innata affabilidade attrahe os coraçoes de todos, sem que o aprazivel diminua o Soberano. Attrahido pois de tão suave violencia, me animey a offerecer a V. Excellencia este Sermaõ, se pequeno no volume, grande pela materia; causa, porq̃ deve ser attendido. Não teme a critica dos Zoilos; porq̃ vay debaixo da protecção de V. Excellencia, e com o amparo de tão singular Mece-
nas

*nas não tem que recear. Deos conserve a vida de V.
Excellencia para credito deste Reyno, e bem espi-
ritual dos seus subditos. Vigairaria de S. Anna
de Leiria aos 15. de Março de 1751.*

Beija as mãos a V. Exc. reverente, e prostrado

Seu mais obrigado Capellaõ

Fr. Antonio da Assumpção.

LICENÇAS.

Da Ordem.

*Censura do M. R. P. M. Fr. Jorge da Incarna-
ção, Religioso da Ordem dos Prégadores.*

R^{mo}. P. M. Provincial.

Vossa Reverendissima me ordena veja, e censure o Sermaõ, que nas Exequias do Augusto, e Fidelissimo Monarcha ElRey D. Joaõ o V., que no Ceo está, recitou em a Sé de Leiria o R. P. Prégador Geral Fr. Antonio da Assumpção, Dignissimo Vigario em o Mosteiro de Santa Anna das nossas Religiosas, sito em a mesma Cidade: e ainda que a execução desta obra he para mim de grande gosto, não deixa de me caular algum escrupulo, por me parecer se fará suspeitosa a minha censura, pela grande amisade, e veneração, que sempre me soube merecer o Author deste Sermaõ: reflectindo porèm nesta materia, estou convencido que do meu escrupulo me deve livrar o preceito de V. Reverendissima; pois tendo aos peitos esta taõ aguda espada, (assim o digo, porque só os corações dos

subditos são o digno depósito das ordens dos seus Prelados) ninguém com razão póde proferir que julgo o que quero, senão que digo o que entendo. Digo pois que, para este Sermaõ ser canonizado por excellente, bastava compor-lhe a faxada do frontispicio o nome do seu Author, que he o R. P. Prégador Geral Fr. Antonio da Assumpção, sujeito taõ eminente na arte de orar, que em todas as occasioens, que teve de o poder fazer, soube primorosamente desempenhar as grandes obrigaçoens do seu officio: bem o tem assim mostrado os Sermoens, que por meyo da impressaõ tem já dado á luz, aos quaes he este muy semelhante: e se nelle pudesse eu descobrir alguma diversidade, só seria a que se observa no ouro, que tanto mais fino se colhe, quanto mais se abre a vêa da mina, em que nasce. O Monarcha, que lamentamos defunto, em tudo foy glorioso, e até depois de morto se vê a gloria de ter hum taõ famoso Panegyrista: este he hum dos lenitivos, que a Divina Providencia nos destinou á nossa mágoa; pois se nos sepultou o Sol, nunca os seus rayos se eclipsarão em as nossas lembranças, já que temos hum taõ grande Orador, que no los sabe representar tanto ao vivo. A morte sempre he fea; e a do nosso Augusto, e Fidelissimo Monarcha he para os nossos
fos

fos coraçoens não só fea ; mas terrivel : *Omnium
terribilium terribilissimum mors* ; porém o Author
deste Sermaõ faz com que todos tenhamos a
ventura do Poeta Alcêo , a quem os objectos fu-
nebres , e tenebrosos sempre pareciaõ luzidos.
Taõ grande Prégador não se condecora com
qualquer premio , e só V. Reverendissima lhe pó-
de dar o que cá nesta vida he devido ao seu alto
merecimento : assim os esperamos todos da equi-
dade , e rectidaõ de V. Reverendissima , sem
que esta nossa esperança possa incorrer a nota de
temeraria , por ser certo o que cantou o Poeta :

Quæcunque ex merito spes venit , æqua venit.

Por todas estas razoes julgo que este Ser-
maõ se faz digno da licença , que pede o seu Au-
thor. Este he o meu parecer , V. Reverendissima
ordenará o que for servido. S. Domingos de Lis-
boa 21 de Novembro de 1750.

De V. Reverendissima

Minimo, e obedientissimo subdito

Fr. Jorge da Incarnaçaõ.

22 ii

Cen-

*Censura do M.R.P.M. Fr. Joaõ de Santa Rosa,
Religioso da Ordem dos Prégadores, &c.*

R^{mo} P. M. Provincial.

M Anda-me V. Reverendissima lêa este Sermaõ, que nas Exequias do muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senhor nosso, D. Joaõ V. de saudosa memoria, prégoa na Cidade de Leiria o R. P. Prégador Geral Fr. Antonio da Assumpção, Vigario Dignissimo das nossas Religiosas naquella Cidade, para o informar com o meu parecer. Ditosa obediencia, que me grangeou a ventura de ler hum Sermaõ taõ douto, e taõ discreto, accredor justissimo dos mayores, e mais largos elogios. Mas succede-me agora com este Sermaõ, o que a Eschines com as obras de Demosthenes, que disse para elogiá-las, que tendo a gloria de as lêr, invejava a dita de as ouvir. E porque certamente ha de chegar a muitos a inveja de o não ouvir, he justissimo tenhaõ ao menos a gloria de o lêr: pelo que me parece dignissimo da estampa: V. Reverendissima mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa 25 de Novembro de 1750.

De V. Reverendissima
Subdito muito reverente

Fr. Joaõ de Santa Rosa.
Fr.

FR. Silvestre de Santo Thomaz, Mestre em Santa Theologia, Consultor do S. Officio, e da Bulla, e Prior-Provincial da Ordem dos Prégadores nestes Reynos, e Senhorios de Portugal, &c. Pelas presentes letras, e authoridade do nosso officio, concedemos licença ao R. P. Prégador Geral Fr. Antonio da Assumpção, Vigario das Religiosas de Santa Anna da Cidade de Leiria, para que possa dar ao prélo o Sermaõ, de que trata esta petição, que foy visto, e approvado por pessoas doudas da nossa Religião, que por Nós foraõ deputadas para o seu exame; *Servatis aliis de jure servandis*. Dadas no nosso Convento de S. Domingos de Lisboa sob nosso Sinal, e Sello aos 26. de Novembro de 1750.

Fr. Silvestre de S. Thomaz
Prior-Provincial.

Lugar ✕ do Sello.

Reg. fol. 138. vers.

Fr. Theodoro de S. Joze
Lente de Vespera, Secretario, e Companheiro.

Dq

Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. M. Rodrigo de Sá, Qualifica-
dor do S. Officio, e Religioso da Congregação
do Oratorio, &c.*

EM^{mo} E R^{mo} SENHOR.

O Padre M. Fr. Antonio da Assumpção, benemérito filho da Esclarecida Ordem dos Prégadores, com as elegantes composições, que tem dado á luz por meyo da estampa, tem justamente adquirido hum tal credito de perfeito, e consummado Escriitor, que sem eu lêr este Sermaõ, só com saber que era obra sua, o dêra por approvado. Obrigado porém já do preceito de V. Eminencia, já do gosto, que faço de lêr os seus escritos, li attentamente esta Oração Funebre, que elle prégou na Cathedral de Leiria, nas solemnes Exequias, que alli se dedicaraõ á feliz memoria do nosso Fidelissimo Rey o Senhor D. Joaõ V.; e omitindo o muito, que pudêra dizer em louvor do Sermaõ, e de quem o prégou, por mo naõ permittirem, nem o pouco tempo, que me dispensaõ as minhas occupaçoens, nem a muita modestia, que no Author reconheço;

nheço; só digo que achei este Sermaõ em tudo ajustado aos preceitos da Arte Oratoria; em tudo digno do perspicaz engenho do seu Author, e em tudo conforme ao alto assumpto de que trata: por isso mesmo que em tudo conforme á Fé, e bons costumes; á Fé, que naquella Monarcha persistio sempre taõ viva, que lhe mereceo a gloriosa antonomasia de Fidelissimo: aos bons costumes, em que consistem as virtudes, que no mesmo Monarcha tanto resplandecerão, e o Author deste Sermaõ elegantemente pondéra. Pelo que o julgo dignissimo da estampa. V. Eminencia ordenará o que for servido. Lisboa, Congregação do Oratorio, 4. de Dezembro de 1750.

Rodrigo de Sá.

Vista a informação, póde imprimir-se o Sermaõ, de que se trata, e depois de impresso tornará conferido para se dar licença que corra; sem a qual não correrá. Lisboa 11. de Dezembro de 1750.

Fr. R. Alencastre. Silva. Almeida. Trigofo.

Do

Do Ordinario.

Censura do M. R. P. M. Simão de Almeida Religioso da Companhia de Jesus na Casa Professa de S. Roque.

EX^{mo} E R^{mo} SENHOR.

A Sagrada, e Gravissima Religião dos Prégadores, Seminario de innumeraveis Varoens doutissimos em todas as Sciencias, na continuada duração de 534 annos, que completa neste dia 22 de Dezembro, em que a confirmou Honorio III. no anno de 1216., tem desempenhado sempre as gloriosas obrigaçoens deste grande nome, que primeiro lembrou ao Papa Innocencio III. chamando os Prégadores aos primeiros Padres desta Illustrissima Familia, antes de confirmada em Religião: nome, de que fizeram tão justa estimação os Religiosissimos Padres desta Ordem, que no Capitulo geral, que celebráraõ em Pariz no anno de 1256., determinaraõ seria esta, e não outra, a gloriosa autonomia de sua Religião Sapientissima: *Fratres nostri vocentur Fratres Prædicatores, & non aliis nominibus.* E verdadeiramente que a muita razãõ, com que tem por seu este illustre nome, vio,

vio ; e ouvio o mundo em todos os seculos, desde o seu principio até hoje , nas eloquentissimas Oraçoens Evangelicas , com que os Prégadores desta Religiaõ Venerabilissima tem assombrado, ao mesmo tempo que illustrado , o mesmo mundo. E entre os que dignamente lhe merecem este glorioso nome , he hum o M. R. Padre Mestre Fr. Antonio da Assumpçaõ , Prégador Geral , como se vê neste Sermaõ , que quer dar ao Prélo ; e delle , como de hum só dedo , se conhece a agigantada medida do seu talento. He o Sermaõ , o que disse este Orador subido no Pulpito da Cathedral da Cidade de Leiria na occasiaõ das magnificas, e funebres Exequias, que o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Joaõ de Nossa Senhora da Porta, Dignissimo Pontifice daquella Igreja, dedicou á Magestade Fidelissima do Augustissimo Rey D. Joaõ o V., que Deos levou para si. Escolheo por thema este Prégador dos Prégadores as palavras do Capitulo 32. do 2. livro do Paralipomenon, que dizem a ultima enfermidade do magnanimo, e piedoso Rey Ezechias , o seu funeral , a sauda- de , que deixou a seus Vassallos, alleviada fô com a consolaçaõ de ficar no Throno seu filho. O que tudo accommodou felizmente ao Real objecto da sua Oraçaõ. E formando de-

|||

pois.

põis com grande idéa quatro estatuas , que levantou nos quatro angulos daquelle soberbo Tumulo , que se via formado com injuria da morte em honras ultimas , fez que estas estatuas parecessem vivas nas acçoens illustres , que representavaõ , do Rey defunto ; e fallando pela boca deste famoso Orador , se ouviraõ com tal naturalidade , que mostravaõ ao vivo o mesmo Rey , que estava morto. Eu tambem com licença do mesmo Orador levantara mais huma estatua naquelle Mausoléo , que seria estatua do Rey , e do Prégador , e havia de ser este seu Sermaõ. (que similhantes obras saõ as estatuas mais polidas , e tambem as de mayor duraçaõ , como disse fallando destes o Poeta Latino : *Monumentum ære perenniùs*) Seria estatua para o Rey , porque o representa ao natural ; e seria estatua para o Prégador , porque o dá bem a conhecer. Esta mesma estatua faria lembrada a de Menon , que fallava com admiraçaõ de todos : mas com esta differença , que aquella fallava com o Sol nascido , esta com o Sol morto ; aquella fallava por arte , esta com arte. O lugar , aonde collocaria esta estatua , seria sobre tudo ; e só se veria sobre ella aquella Coroa , que estivesse sobre o mais : para que , já que aquella Coroa naõ coroava ao Prégador,

dor , coroásse o Sermaõ ; ou já que coroava o Artifice , coroásse a estatua : e deste modo ficaria esta estatua coroando como fim aquella obra ; e tambem aquelle fim seria a coroa desta eloquentissima estatua, ou desta singular obra, que V. Exc. dará licença para se pôr em publico, se for servido accõmodar-se ao meu parecer. Lisboa, S. Roque Casa Professa da Companhia de Jesus, 22 de Dezembro de 1750.

Simaõ de Almeida.

Vista a informaçãõ, pôde-se imprimir o Sermaõ, de que trata, e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa 2 de Janeiro de 1751.

D. J. A. de L.

222 ii

Do

Do Paço.

*Censura do M. R. P. M. Pedro Correa, Religioso
da Congregação do Oratorio, &c.*

S E N H O R.

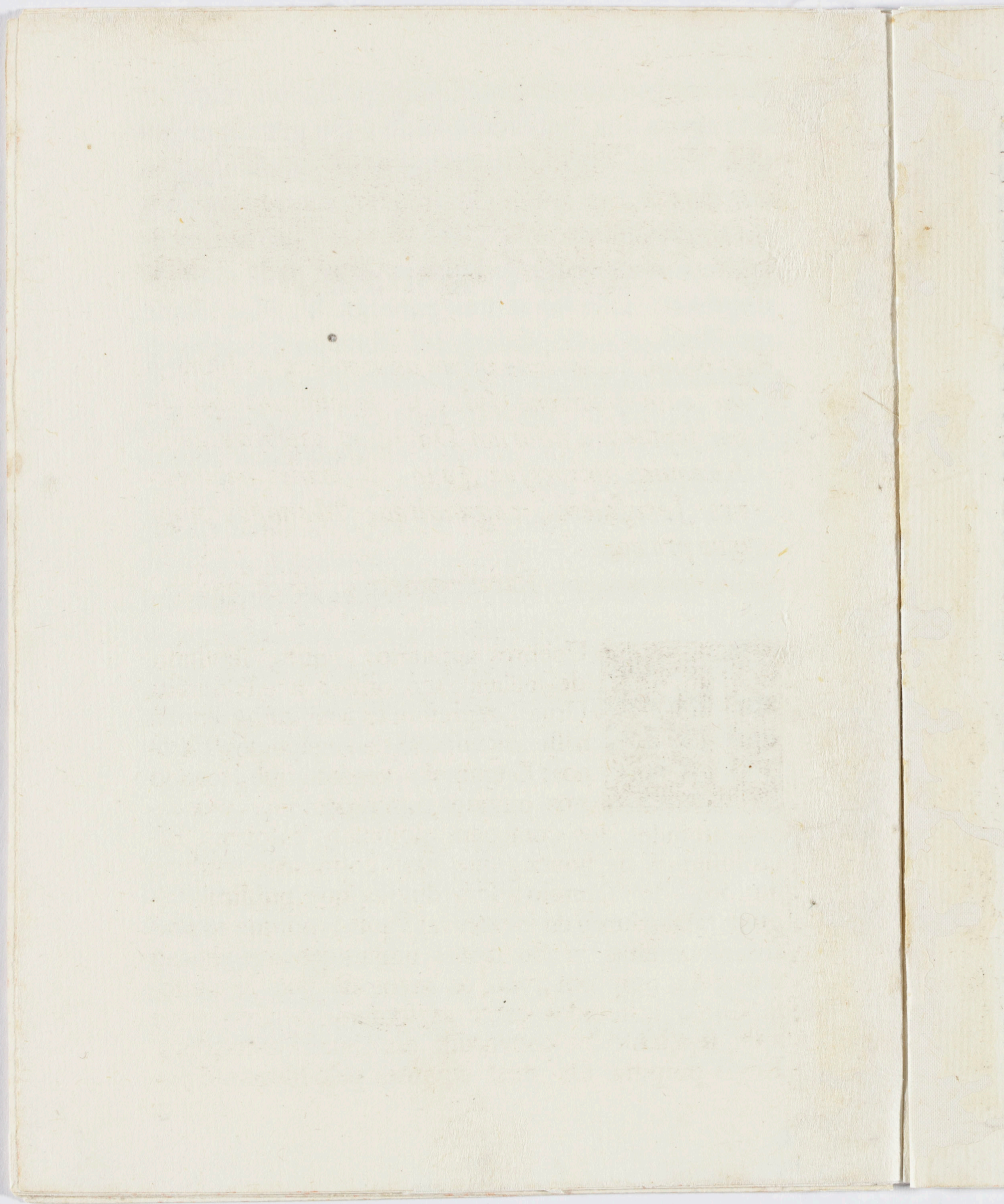
POr ordem de V. Magestade vi o Sermaõ, que
prégou o R. P. M. Fr. Antonio da Assump-
ção, Religioso da Preclarissima, e sempre Ex-
emplar Familia Dominicana nas solemnes Exe-
quias, que ás saudosas memorias do Fidelissimo
Rey, e Senhor D. Joaõ o V. consagrou na sua Ca-
thedral o Excellentissimo e Illustrissimo Bispo de
Leiria; e logo aqui se me offerece ponderar a boa
eleição, que teve este grande Prelado na escolha
de hum taõ affamado Orador; e assim havia de ser,
para que á grandeza da funeral demonstração con-
respondesse hum taõ notavel panegyrico. Bem
mostra este discreto, e engenhoso Orador ser filho
da Ordem dos Prégadores; porque neste Sermaõ
em tudo está mostrando a boa ordem, que nelle ob-
servou, Boa ordem no thema, e no assumpto, boa
ordem na repartição, e nos pensamentos, boa or-
dem nos lugares das Escrituras, e todo o gene-
ro de noticias: em fim, que em tudo dá a co-
nhecer a sua grande literatura; e sendo esta já co-
nhecida

nhecida por outras obras, que tem dado á luz, com esta agóra fica mais acreditado o seu grande engenho. E não contendo este Sermão cousa alguma contra o Real serviço de V. Magestade, nem contra o bem commum, entendo se faz por todas as razoes merecedor da licença, que pede para se imprimir. Este he o meu parecer, V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratorio, 23 de Janeiro de 1751.

Pedro Correa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa, para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa 28 de Janeiro de 1751.

Com quatro rubricas.





*Ægrotavit Ezechias usque ad mortem :: Dormi-
vit cum patribus suis, & sepelierunt eum su-
per sepulchra filiorum David, & celebravit ejus
Exequias universus Juda, & omnes habitato-
res Jerusalem, regnavitque Manasses filius
ejus pro eo.*

Paralipomen. c. 32. v. 33.



Unebres apparatus, que, servindo de melancolico ornato a essa funesta Urna, representais aos nossos olhos a triste tragedia do desengano dos Thronos: Lugubres accentos, que, soando nos ouvidos como harmonia, vos fa-
zeis attender dos coraçoes dolorosos suspiros: Es-
sas insignias de honra, que vejo collocadas entre os horrores do Tumulo, sem duvida que publicão al-
gum fatal triunfo da inexoravel Parca; porque os nos-
sos olhos estão vendo tantos signaes de que venceo a morte; pois observão os rayos de hũa Magesta-
da Coroa eclipsados entre as sombras tenebrosas de hum sepulchro, e convertida em funesta mortalha a Regia purpura. Os meus ouvintes pelo silencio so pa-
recem

A

recem

recem mudas estatuas da dor, ou infelices despojos de algum triunfo; não lhes faltando nas proprias lagrimas as correntes, com que mostraõ irem seguindo o carro triumphal da cruel Parca. Pois não saberemos que Principe Soberano he este, que experimentou o fatal golpe da morte; por quem arrastaõ funestos lutos o Occidente, e o Oriente? Parece-me que ouço hũas tristes vozes, que ao compasso da dor me dizem que: *O Soberano, a quem a morte, cruel verdugo da Divina Justiça, cortou a preciosa vida, foy o nosso sempre Augusto Monarcha Portuguez, o Senhor D. João o V.* Torno a repetir, para que na repetição de tão tristes accentos, ao passo que tenha exercicio a dor, se affine cada vez mais a ternura da memoria. *O Soberano, a quem a morte, cruel verdugo da Divina Justiça, cortou a preciosa vida, foy o nosso sempre Augusto Monarcha Portuguez, o Senhor D. João o V.* Esta a causa, porque em todas as partes do mundo, a que chegou o seu Imperio, se arrastaõ tristes lutos; pois menor lugar que todo o mundo não fora capaz de tão grande sentimento. Sintaõ logo todos tão grande falta; pois na sua morte perdemos todos: Suspire a Serenissima Esposa, porque perdeu tão Prelaro Conforte; pois não he novidade que suspirem as Aguias: *Audivi vocem unius Aquilæ dicentis: Væ, Væ, Væ!* Chorem os Augustos filhos a falta de tão amante Pay; lamentem os fieis vassallos a morte de tal Monarcha; sintão os estranhos, por perderem o mais certo asylo; derramem copiosas lagrimas os pobres, porque se acabou o seu remedio; suspirem os Religiosos, por lhes faltar a mais magnifica protecção: Ouçaõ-se finalmente nas pedras dos

Tem-

de Exequias.

3

Templos, e de outros sumptuosos edificios sentidí-
 ssimos ays, que lhes não serão estranhados similhan- *Ha-*
 tes clamores: *Lapis de pariete clamabit, & lig-* *bac.e.*
num respondebit: E nem nas pedras será novo este *2. v.*
 sentimento, pois já na morte de outro Rey se que- *11.*
 bráraõ de sentimento as pedras: *Petræ scisæ sunt*; *S. Ma-*
 que tantas expressões de dor merece a falta do nos- *ttb. c.*
 so Augusto Monarcha. Essa a causa, porque em to- *27. v.*
 do o Reyno de Portugal, e especialmente nesta Il- *51.*
 lustre Cidade, se celebraõ estas solemníssimas Exe-
 quias na sua morte, para desaffogo da nossa magoa,
 e lenitivo da nossa dor.

ENfermou o Santo Rey Ezechias de huma dila-
 tada, e mortal enfermidade, com a qual lhe quiz
 Deos provar a paciencia, purificando-o para se unir
 mais a elle, fazendo que todo o cuidado dos Medi-
 cos fosse frustrado, e sem efficacia a Medicina: *Ægro-* *Alap.*
tavit Ezechias usque ad mortem. Deum voluisse pium *hic.*
Regem purgare, probare, & perficere hac afflictio-
ne, ut ardentius se Deo conjungere, eumque invo-
care uti fecit, disse o A'lapide, e depois de purificado
 o levou para si: *Dormivit cum patribus suis*. Sendo
 taõ universal o sentimento, que deixou a morte deste
 santo Rey, que depois de sepultado entre os Monar-
 chas seus Antecessores, lhe celebrou todo o Reyno, e
 especialmente a Cidade de Jerusalem, aonde residia o
 Supremo Sacerdote, hũas solemníssimas Exequias, pa-
 ra demonstraçãõ da sua magoa: *Sepelierunt eum*
super sepulchra filiorum David, & celebravit ejus
Exequias universus Juda, & omnes habitatores
Jerusalem. Foy o nosso Augusto Monarcha hũa fiel
 copia do Santo Rey Ezechias nas magnificas, e re-

A ii

ligiosas

ligiosas acçoens da sua vida. Pego attençaõ para lhe descobrir a similhança.

Foy ElRey Ezechias hum dos Monarchas do seu tempo o mais zeloso da honra de Deos; incan-
favel nos repetidos cultos, que dava ao Senhor,
augmentando o numero dos Sacerdotes, que haviaõ
Para- de servir no Templo em determinadas occupaçoes:
lip. c. Ezechias constituit turmas Sacerdotales, & Leviti-
31. v. cas per divisiones suas, unumquemque in officio pro-
2. prio, ut ministrarent, confiterentur, canerentque;
Ib. sendo exactissimo nas ceremonias: *Fuxta legem, &*
ceremonias, e em todas as suas obras magnifico,
fazendo tudo quanto ideava com acerto, e fortuna:
In omnibus operibus suis fecit prosperè quæ voluit:
e com tantos dispendios era o Monarcha mais rico
do seu tempo: *Fuit Ezechias dives valdè.* E quem
ignora o zelo, que teve o nosso Soberano da honra
de Deos, e os excessivos gastos, que fez no Tem-
plo do Senhor; a multidaõ de Sacerdotes, e mais
Ecclesiasticos, que pôs, para servirem nas Basilicas,
tudo por admiravel ordem; porque huns adminis-
travaõ, outros confessavaõ, e cantavaõ outros:
Unumquemque in officio proprio, ut ministrarent,
& confiterentur, canerentque? Quem não sabe que
em todas as suas obras foy magnifico, não havendo
couza, que lhe pudesse servir de obstaculo, execu-
tando tudo com fortuna, e acerto: *Fecit prosperè*
quæ voluit; e sempre o Monarcha mais opulento,
por lhe entrarem todos os annos pelo Rio Tejo ma-
res de ouro: *Erat dives valdè.* Era o Santo Rey
Ezechias descendente de David, que, sendo pri-
I. Reg. meiro Duque: *Constituerit te Ducem super Israel,*
25. n. foy acclamado Rey libertador de Israel: *Rex libera-*
30. vit

vit nos de manu inimicorum nostrorum; o nosso 2. Reg.
 Augusto Monarcha foy neto do Serenissimo Rey o 19.º.
 Senhor D. Joáo o IV., que, sendo primeiro Du- 9.
 que, o viraõ seus inimigos acclamado Rey de Por-
 tugal, e Libertador do Reyno. David, Ascendente
 de Ezechias, foy aquelle, a quem a mão do Altis-
 simo protegeo: *Dextera tua suscepit me;* o Serenif- Ps. 17.
 simo Senhor D. Joáo o IV., Ascendente do nosso 30.
 Soberano, foy aquelle, por quem se empenhou tan-
 to o Filho de Deos, que em signal de que o pro-
 tegia, despregou a mão da Cruz no dia da sua fe-
 liz Acclamação. Ezechias era senhor de hum Rey-
 no, que Deos tinha prometido a David estabelecer
 para si: *Super scilium David, & super Regnum Isai. c.*
ejus sedebit; o nosso Monarcha dominou hum Rey- 9.º. 7.
 no, em que o mesmo Senhor declarou ao primeiro
 Rey Portuguez o queria para seu Imperio: *Volo in Jura-*
te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire. Eze- mento
 chias dominou hum Reyno, cujo poder se dilatava d'El-
 de hum mar a outro mar, e de hum rio até os ter- Rey
 mos do mundo: *Dominabitur à mari usque ad ma-* D. Af-
re, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum; Henr.
 que diante delle se haviaõ de prostrar os moradores Ps. 71.
 da Ethiopia: *Coram illo procident Æthiopes,* e o
 reconheceriaõ como tributarios os Reys de Tharsis,
 os das Ilhas, e os da Arabia: *Reges Tharsis, &*
Insulae munera offerent, Reges Arabum, & Sabá
dona adducent; o nosso Monarcha Augusto teve
 hum Reyno, cujo dominio se dilata do mar Ocea-
 no ao mar Indico, do Rio Eufrates ao termo do
 mundo, que he o nosso Portugal; sendo tambem re-
 conhecido pelos moradores da Ethiopia, que isto Meno-
 querem dizer aquelles mares, e aquelle rio: *A' mari ch. e Ti-*
Indico rim.

Indico usque ad Oceanum: à flumine Euphrate, expõem Menochio, e Tirino; como também os Reys daquellas Ilhas, os Principes Orientaes tributarios de Portugal: *Reges Sena, Reges Insularum Orientalium*, commentou Caetano. E quem não sabe que a todas estas Ilhas chegou o dominio Portuguez? Em fim, enfermou Ezechias de hũa dilatada, e mortal enfermidade; adoeceo o nosso Monarcha de hũa enfermidade também mortal, e dilatada: só com esta differença, que a de Ezechias, conforme o nosso Hugo, se intitulava *de Morbo Regio*, ou, como lhe chamaõ Celso, e Apuleo, *Auriginem à colore auri*, enfermidade de ouro, pela cor, que toma delle. São de tal qualidade os Reys, que até a morte, como lisongeira, para lhes tirar a vida, costuma dou-
 Caet. r-lhes as enfermidades; porque poriaõ pleyto á Natureza, de que, sendo Monarchas, não morriaõ com achaques Reaes: porém a do nosso Soberano foy a que padeceo David, como o mesmo Santo Rey lamentava, na penna de Lorino, quando enfermo clama-
 Hugo va a Deos: *Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum; sana me, Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea*: Valey-me, Senhor, nesta mortal enfermidade, que padeço, pois repentinamente fiquey com os membros ligados, e estuporados: *Obstupuerunt ossa mea, subito terrore perculsa sunt*; e esta foy a doença (conforme dizem) padecera o nosso Monarcha.
 Lorin.

O Palacio, em que assistia Ezechias enfermo, estava unido ao Templo de Salamaõ, que, servindo de Oratorio, ou Capella aos Reys, lograva também o titulo de Basilica: *Fecit Salomon Basilicam grandem: id est, Oratorium*, commenta Montano;
 Para- lip. 1. e. 4. v. 9. o Pa-

o Palacio, em que adoeceo o nosso Soberano, todos sabem que está continuado com a Santa Basilica Patriarchal, que no rico, e sumptuoso se assemelha ao Templo de Salamaõ, e he ao mesmo tempo Oratorio, e Capella dos Serenissimos Reys de Portugal. No mayor accidente da sua enfermidade ouvio Deos as preces de Ezechias, e o foy, mandando que fosse ao Templo dar-lhe as graças: *Audivi orationem tuam; ecce sanavi te, die tertio ascendes in Templum*; dos continuados accidentes da sua enfermidade (parecia milagre!) ficava o nosso Monarcha como se estivesse saõ, indo logo para a Tribuna assistir aos Officios Divinos. E se a doença do Santo Rey Ezechias foy para o purificar, e uní-lo mais a Deos; tambem a do nosso Soberano foy para o unir ao seu Creador, e purificá-lo cada vez mais, como a experiencia o mostrou, avivando-se nos actos da Charidade, e amor do proximo, com hũa inexplicavel paciencia, e resignação na Divina vontade. Em fim, morreo o Santo Ezechias: *Dormivit cum patribus suis*, deixando não só em todo o seu Reyno universal sentimento, causa, porque os vassallos, por expressão da sua magoa, lhe celebraraõ solemnisimas Exequias: *Et celebravit ejus Exequias universus Juda*, assistindo o Supremo Sacerdote na principal Cidade do seu dominio *Et omnes habitatores Jerusalem*; mas tambem deixou para lenitivo da sua saudade hum Principe herdeiro da Croa: *Regnavitque Manasses filius ejus pro eo*. Cortou tambem a cruel Parca a preciosa vida do nosso Soberano, e hoje hum Prelado Supremo nesta illustre Cidade lhe celebra estas solemnisimas Exequias para desempenho do seu amor; ficando tambem, para lenitivo do universal sentimento,

to, hum Principe não só herdeiro do Reyno, mas também das virtudes de tão Preclaro Monarcha, para que em tudo fosse semelhante ao Santo Rey Ezechias, de quem foy fidelissima Cópia. Exposta a fimi-lhança de hum Monarcha com outro Monarcha, corre por conta do Orador o referir as virtudes, e acçoens heroicas do Soberano, que se lamenta morto, para gravar a sua memoria na posteridade. Eu, ja que tive a honra de orar em tão Regia acção, não farey mais que repetir (ainda que com humilde estylo) algũas das muitas virtudes, que exercitou na vida o nosso Augusto Monarcha: e se a narraçãõ mover a lagrimas o meu Auditorio; lhe direy, por lenitivo da sua dor, que o nosso Augusto Monarcha não acabou realmente ás mãos da morte, pois morreo para ir reynar; e morrer para reynar, mais he reynar, que morrer. E para que esta minha digressãõ seja ouvida com attençaõ, adornarey aquelle sumptuoso Tumulo com algũas Estatuas, que representem as virtudes, em que foy singular na vida o nosso Soberano, para que ache algum lenitivo a nossa dor.

Primeiramente na face daquelle elevado Tumulo gravarey por empresa hum Feniz abraçando-se em aromaticos incendios com os olhos no Sol, e este

Psal. Lemma: *Non moriar, sed vivam*; mais he transito

117. para viver, que morte para acabar. A hum lado daquelle sumptuoso Tumulo se verá a Estatua de Portugal, Mancebo robusto, vestido de armas brancas, tendo na mão direita hũa forte lança, em que se sustenta, com o semblante triste, e algũas lagrimas nos

Psf. 76. olhos, e no seu Escudo tem este Epigrafe: *Defecit*

11. 4. *spiritus meus*, o espirito, que me animava, ja desfalleceo.

alleceo. Ao outro lado veremos a Estatua da Piedade, donzella formosa, tendo junto a si muitos cofres de dinheiro, que liberal reparte aos necessitados, com esta letra: *Ex substantia tua fac eleemosynam*, as esmólas, que deres, sejaõ do teu thesou-^{Tobia c. 4.}ro. A hum dos outros lados se verá a Estatua da Religiaõ toda inclinada para hum Templo, com este Lemma: *In cultum Domús Domini*, toda esta mi-^{1. Pa-}nha inclinaçaõ he para conservar, e sustentar o cul-^{ralip.}ta da Casa do Senhor. Em fim, no outro lado do ^{c. 23.}Tumulo veremos a Estatua da Justiça, formosa donzella, tendo na maõ direita hũa espada, em a esquerda hũas balanças, com esta letra: *In Justitia reg-*^{1. Sai. c.}
nabit Rex, quem confirma hum Rey no Throno he ^{32.}a Justiça. Estas são as Estatuas, que adornarão aquelle sumptuoso Tumulo, em que se symbolizaõ as virtudes, que singularizáraõ o nosso Serenissimo Monarcha quando vivo, e o singularizaõ tambem na morte, que, à pesar desta, mais foy transito para viver, do que morte para acabar; pois morrer para reynar, mais he reynar, que morrer. Principio.

He a Piedade para com os necessitados o patrimonio dos Principes, porque só o que dispendem he o que os faz grandes. Nascem os Principes para coraçoes de seus Reynos, e devem de nascer inclinados a crear em si o sangue dos thezouros, para repartir pelas vêas dos vassallos. Nasceo o nosso Augusto Monarcha com todas as condiçoens de hum Principe Magnanimo: e como o Ceo o tinha destinado para Pay de pobres, lhe deo hum genio taõ Regio, e liberal, que para elle as riquezas mais eraõ deposito, que thesouro; pois nunca lhes reconheceo mais posse que para os dispendios. São os
Principes

Principes os Deoses da terra, e, na proporção possível, devem-se revestir da natureza de Deos, para saberem dar. Imaginava Plinio (advertio o A'lapide) que só de duas castas de homens foraõ feitos os Deoses, dos destemidos, e dos liberaes. *Deos cen-*
A'lap. in E- *set ab hominibus factos fuisse, non alios, quam for-*
pist. in *tes, & beneficos.* Esta a natureza, que Deos pro-
Jacob. põem aos Principes, para se desempenharem Deoses
 3. da terra: esta, a que segurou ao nosso Soberano Monarcha todo de Deos, sendo a mesma Liberalidade, e Piedade por natureza, não tendo outro emprego mais que a Charidade para com os pobres, e para com Deos: com este, incansavel nos cultos; com aquelles, continuo nos dispendios: andando tão identificado no coração do nosso Augusto Monarcha o culto de Deos, e a piedade dos necessitados, que o mesmo era dobrar o joelho para os cultos, que suppoem-se ja as mãos abertas para os dispendios dos pobres. Verdadeiro Principe de Deos.

Vidimus stellam ejus, & venimus adorare eum. Vimos (diziaõ os Reys Sabios) a Estrella do Messias, e vimos a dar-lhe adoraçoens. Chegaõ á pobre lapa, e não só adoraõ prostrados, mas offerecem liberaes a preciosidade dos seus Reynos: *Obtulerunt*
Mat. th. c. 2. *ei aurum, thus, & myrrham.* Pois se vem tambem para offerecer, como só fallaõ no adorar? Direy. Eraõ estes Monarchas huns Principes todos de Deos, e por natureza liberaes, e compassivos: diga-se delles, que vem dar cultos a Deos humildes, e obsequiosos, mas não se falle em que vem a fazer dispendios de seus thesouros; porque de semelhantes Monarchas, quando dobraõ a Deos os joelhos em seus cultos, ja se suppõem as mãos abertas para as dadas:
 vas:

vas: estas não só eraõ para Deos, mas tambem para remedio dos pobres, pois Maria Santissima lhas depositou nas suas mãos, disse o Abulense: *Retentis quibusdam paucissimis ad sublevandam necessitatem aliquorum temporum, cetera in brevi pauperibus distribuit.* Oh que bem desempenhou o nosso Soberano estas acçoens taõ filhas do seu Regio, e Catholico animo; pois sendo incansavel nos cultos do Altissimo, o era tambem no soccorro dos pobres! Não se perguntava quando dispendia o nosso Monarcha suas grandes esmólas com os necessitados, bastava saber-se que repetia os cultos a seu Creador, porque ja se suppunhaõ suas Regias mãos abertas para dispendios dos pobres; pois aquelle mesmo fogo da Charidade, que lhe abrazava o coração para os cultos de seu Deos, lho derretia como cera para a compaixaõ dos seus pobres: *Montes sicut cera fluxerunt à facie Domini.* Chegou tempo (dizia David) 96. em que os montes se desfizeraõ como cera. Quem tal imaginára! Os montes asperos, e soberbos, que tem por coração duros penhascos, abrandarem-se como cera! Quem feraõ estes montes? São aquelles Monarchas, que, sendo pela grandeza, e Magestade, elevados montes, tem o coração como David dizia do seu: *Factum est cor meum tanquam cera liquescens.* Digamos tudo de hũa vez: Representavaõ, entre outros, ao nosso Soberano, que, sendo monte excelso na grandeza, e Magestade, pois occupava com o seu ambito não menos que o que vay do Occidente ao Oriente, tinha o seu coração brando como cera; porque aquelle mesmo fogo da Charidade, com que se abrazava na presença do Senhor, lhe abrandava tambem o coração como cera para soccorrer

Abulens.

Ps. 96.

Ps. 21.

com largas, e repetidas esmólas aos necessitados, desempenho para que Deos o tinha creado: *Non sunt creati montes ad superbiam, sed ad misericordiam, id est, ad subsidium pauperum*, disse hum Douto.

Quantas vezes ateado o fogo nos bolques vizinhos aos montes, correo derretido o ouro de suas entranhas a enriquecer a terra! (escreveo Deodoro Lucrecio) Fogo he Deos, que se atêa nos coraçoens dos Principes, para que, desatados ao calor da Charidade, os thesouros corraõ pela humilde terra dos necessitados. Oh como abraçava o fogo do Divino Amor o coração do nosso Augusto Monarcha! Digao a experiencia: e esta tambem mostrou que não só o fogo da Charidade fazia sahir do coração deste mystico, e Regio monte ouro em abundancia, mas que tambem as agoas faziaõ o mesmo effeito; pois não ha muitos mezes o experimentou a Communidade do nosso Convento de Lisboa: indo em procissão de preces por falta de agoa, foy tanta a que lançaraõ as nuvens de repente, que vendo o piedoso Monarcha o estado, em que hiaõ os Religiosos, lhes mandou dar por esmóla seis mil cruzados, para supprirem algum detrimento, que teriaõ experimentado. O certo he que não só o fogo da Charidade fazia que este mystico monte dêsse ouro, tambem as agoas tiravaõ ouro daquelle monte para os necessitados. Na Ethiopia ha huns montes, que occultaõ riquissimas minas de ouro: e que trabalho imaginais, senhores, será preciso para se lograr aquella preciosidade! Acaço o fogo despedaçará seus rochedos? Penetraraõ os homens seus abismos? Não por certo; esperay que venha certo tempo, em que as nuvens se

Sca-

lig.

Exer.

103.

se desfiação em agoa, e vereis se desentranhaõ em ouro, manifestando a todos suas preciosas minas: sem irmos taõ longe, experimentámos esta grandeza no nosso Monarcha compassivo.

Porém he digno de reparo haverem tantos dispendios com os pobres, tantos gastos com os Templos, e com outras magnificas obras, sem o povo padecer oppressão algũa. Oh Monarcha Magnanimo, que excedestes no liberal, e generoso ao grande Salamaõ! Ninguem ignora que este Monarcha foy o mais rico do seu seculo, e o que se magnificou sobre os Reys da terra em riqueza: *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges terræ divitiis*; bastava a obra do seu sumptuoso Templo para a sua magnificencia, pois foy o Padraõ de toda a sua grandeza: porém, naõ obstante tanta opulencia, e gloria, ouvi as queixas do povo, depois da sua morte, ferindo os ouvidos de seu filho, que reynava: *Pater tuus Paradurissimo jugo nos pressit*. Senhor, (dizia todo o povo a Roboaõ) vossõ pay Salamaõ, sendo senhor de tanto ouro, tomou para si o resplendor, e nos deixou o peso; gravou-nos com hum jugo mais cruel que podia fer: agora, Senhor, que vós reynais, tiray-nos de tanta afflicção: *Paululum de onere subleva*. Oh Magnanimo Monarcha Portuguez, que dispendeste taõ grandes sommas de dinheiro com os pobres, com os Templos, e com outros magnificos edificios, sem que o teu povo gemesse debaixo do jugo de algũa oppressão! Seguro está o nosso Serenissimo Monarcha reynante de ouvir semelhantes queixas; porque o Soberano, que lamentamos, com tantos dispendios naõ gravou, nem aggravou o seu povo. Ah Reyno ditoso, ainda que agora sentido, que

que lograsse hum Monarcha mais generoso que Salamaão, que, enriquecendo aos pobres, não empobreceo aos ricos! Não era o nosso Monarcha como o mar, que, participando suas agoas aos rios, e ás fontes, por occultos aqueductos lhas vay outra vez usurpando; não assim o nosso Soberano: inundava o Reyno com as correntes de ouro, e o conservava nas suas riquezas. Jacte-se muito embora Salamaão de serem todas as suas obras magnificas; que edificara vistosissimas casas de campo, e deliciosos banhos não só para recreyo, mas para remedio dos enfermos: *Ecclesiasticus. Magnificavi opera mea, edificavi mihi domos, & extruxi mihi piscinas aquarum;* que sendo tudo isto admiravel na vida, foy deplorado na sua morte, como testificavaõ as lagrimas do povo, pedindo a Roboaão o alleviasse de taõ pesado jugo, que lhe tinha posto seu pay Salamaão: *Durissimo jugo nos pressit.* O nosso Augusto Monarcha tambem se podia jactar de ter feito obras magnificas, deliciosas casas de campo, ampliado medicinaes piscinas, ou banhos, para remedio dos pobres, e refugio dos enfermos, como Salamaão: *Extruxi mihi piscinas: Per piscinas accipi possunt thermæ, & balnea, in quibus aquis calidis corpora abluabant, fovebant, & à frigidis morbis curabant,* disse o A'lapide: e de que outra qualidade são os banhos bem conhecidos das Caldas, que o nosso Monarcha ampliou com largas esmólas? Melhor que Salamaão; pois não se ouvirão depois da sua morte os clamores, com que os moradores de Jerusaleem feriaõ o Throno de seu filho, dizendo: *Pater tuus durissimo jugo nos pressit.* Assim havia de ser, porque Salamaão calcinava as pedras dos seus edificios com o sangue, e suor dos pobres;

bres; e o nosso Monarcha Augusto dos proprios thesouros he que dispendia com os necessitados, desempenhando em si a letra da Estatua da Piedade, que adorna aquelle sumptuoso Tumulo: *Ex substantia tua fac eleemosynam*; virtude, que o nosso Soberano tanto exercitou na vida, e o singularizou tambem depois de morto, imitando nesta virtude ao Santo Rey Ezechias, de quem foy hũa viva copia, o qual foy em summo grão compassivo, e liberal com o seu povo, como consta do texto: *Ezechias enim Rex Juda præbuerat multitudini mille tauros, & septem millia ovium.* Para-
lip. 2.
c. 30.

Se os dispendios para com os pobres foraõ excessivos, não foraõ menores os gastos nos sumptuosos edificios, que fez para ornato do Reyno, e dos sagrados Templos, que erigio, e reedificou, em obsequio do Altissimo; sendo estas obras não só magnificas pela grandeza, senão pelo polido, e delicado da arte. Verdadeiramente foy o nosso Augusto Monarcha o Salamaõ dos nossos seculos: jactava-se este que magnificara a suas obras: *Magnificavi opera mea: multa, magna, & magnifica opera extruxi: Per opera intellige non tam publica in bonum Hierosolymæ, vel Regni erecta, qualia fuere Templum, mænia, arces, sed à fabre facta artificiosa, expolita per ingens studium, artem, & industriam,* disse o A'lapide. Quem não sabe os grandes gastos, que fez o nosso Augusto Monarcha em sumptuosos edificios, aonde a arte se excedia no polido? Poucos são os Templos, que não participaraõ da sua liberalidade, ou renovados, ou de novo edificadoss, cujas sumptuosas architecturas estaõ publicando a grandeza do seu bemfeitor; fazendo-se as mesmas

mas pedras bocas, para expressarem em mudas vozes a magnificencia do seu Soberano. A torre de David foy a obra mais decantada dos seculos passados; e observaraõ os Doutos Octaviano Tuso, e Guislerio que as suas pedras estavaõ lavradas em forma de boccas: *Lapides turris excisos fuisse ad oris similitudinem*: assignou o motivo Rabbi Abrahaõ: *Ædificata est ad suspendenda ora*. Edificou David esta torre, como sumptuoso prologo das suas magnificas obras nesta forma; para que quando os homens pela admiração ficassem mudas estatuas do afombro, fallassem entaõ as pedras por aquellas bocas, publicando a grandeza do seu Soberano, e a magnificencia do seu Monarcha.

Todas as obras, para que concorreo o nosso Rey, tiveraõ a circumstancia da torre de David, pois tambem suas pedras se formavaõ em boccas, para publicarem, a quem as admirava, a grandeza do seu bemfeitor; porque a arte as fez *ad suspendenda ora*. Entre muitas obras magnificas, que fez o nosso Monarcha Augusto, foy o Real Convento de Mafra, cujas pedras sem duvida tinhaõ a virtude do Magnete, por attrahirem de distantes Reynos aos mais peritos artifices, os quaes, vendo, e admirando o polido, e o magnifico daquelle sumptuoso Templo, augmentavaõ, por extaticos, o numero de suas estatuas: pois parecia que a arte tinha ja levantado o interdicto, que a natureza puzera ao insensivel; porque aos primores do buril se viaõ as pedras eloquentes, e as estatuas, como as de Dedalo, deixavaõ em duvida aos que as viaõ, se eraõ, ou não, animadas.

Nos finos jaspes pois deste famoso Templo, e
nos

nos seus perduraveis marmores, que fazem emulação á eternidade, se gravou o Soberano Nome do nosso Augusto Monarcha para a posteridade. Do grande Sestrotides, Imperador do Egypto, refere Diodoro Siculo que quando sujeitava ao seu Imperio algúas Cidades conquistadas, mandava levantar em cada hũa dellas hum Padraõ, aonde esculpia a fôrma, com que fora tomada; e assim pelas suas obras, e acçoens era conhecido, e venerado o seu nome: *Dignoscebatur esse Sestrotidis, ubi ejus facinora sculpta erant.* Não ha pedra neste sumptuoso Templo, aonde se não esteja lendo, pelo magnifico, o Soberano Nome do nosso Serenissimo Monarcha, o qual, a pesar do mesmo tempo, ha de durar para sempre na posteridade. Esta, e outras obras magnificas, fez o nosso Soberano, que são os Padroens da sua grandeza, desempenhando o seu Regio, e Catholico animo, e innata inclinação, que teve sempre para conservar, e augmentar o culto da Casa do Senhor, como declara a letra da Estatua da Religião, que adorna aquelle magestoso Tumulo, toda inclinada a hum Templo, representando a inclinação, que o nosso Soberano tivera á Casa de Deos: *In cultum Domus Domini*; imitando ao Santo Rey Ezechias, de quem foy fidelissimo retrato, o qual não só fez obras magnificas na Cidade de Jerusaleem, para seu ornato, e grandeza, introduzindo por aqueductos Regios crySTALLINAS agoas; ampliando banhos para remedio dos enfermos: *Quomodo fecerit piscinam, & aqueductum, & introduxerit aquas in Civitatem*; mas tambem fez admiraveis obras no Templo do Senhor: *Aperuit valvas Domus Domini, & instauravit eas.* Não obstante andar o nosso Monarcha tão occupado

Diod.
Sicul.

4. Reg.
c. 20. n.
20.

Para-
lip. 2.
c. 29.

cupado com a fabrica dos Templos, não se esquecia de executar a justiça nos culpados, conhecendo, como prudente, que só nella se firma o Throno dos Principes, e por ella se exaltaõ os Reys. Foy Salamaõ o Soberano, que se magnificou sobre todos os Reys da terra, diz a Sagrada Escriptura: *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges terræ*; 3. Reg. 10. 23. mas he digno de reparo que só depois da fabrica do Throno he que se seguiu a sua exaltação. Que fosse magnificado pelas copiosas riquezas, e gloria, estava bem: mas pelo Throno, que tinha feito? Vejamos a sua disposição. Era o Throno de Salamaõ sustentado por dous leões de ouro purissimo, nos quaes se symbolizava a Justiça, e a Fortaleza, disse A' lap. o A' lapide: *Leones enim sunt Symbolum Fortitudinis, ac robustæ Justitiæ, ac vindictæ in impios*; 19. e tanto que Salamaõ fez o seu Throno fundado em Justiça, e Fortaleza, logo foy magnificado sobre todos os Principes da terra. O Throno do nosso Monarcha era como o de Salamaõ, aonde a Justiça, e a Fortaleza eraõ os pólos, em que se fundava: sendo a mayor prova desta verdade o conservar em paz o seu Reyno, como vimos; porque, havendo justiça, não ha guerra, e tudo he descanso. Esta seria a causa, porque o Imperador Segismundo, o Magno, disse em certa occasião irado contra hum Tribuno dos foldados: *Tace, nullâ nobis militiâ foret opus, nos in si suas quisque civitates, & imperia justè, & rectè gubernaret*: e como experimentámos huma paz tão dilatada no nosso Reyno, quando os outros Monarchas se abrafavaõ em viva guerra; bem se prova que o nosso Soberano observava a Justiça. Eu bem sey que he maxima de muitos Principes andarem

rem sempre com a espada na mão inquietando o mundo, para serem venerados na posteridade; porém eu digo que mayores triunfos alcançou o nosso Monarcha, sem ter inimigos em campo, do que os outros Reys cantando as victorias, a pesar de seus contrarios, nas Campanhas. Os malcontentes do Imperador Trajano murmuravaõ de elle conservar o Imperio em paz, podendo-se fazer conhecido, e respeitado do mundo todo pelas armas. Acodio logo

linio, dizendo: Antes por isso mesmo he Trajano o mayor Monarcha da terra; porque alcança mais triunfos no descanso do seu Throno, do que os outros nas inquietaçoens da Campanha: porque estes, ainda que vençaõ a seus inimigos, sempre ficáraõ de antes por elles tambem vencidos ao menos no seu conceito; pois quando sahiraõ á Campanha cada hum trazia no pensamento o vencer ao outro: e Trajano he hum tal Monarcha, que não teve nem quem por pensamento o vencesse. Da mesma sorte o nosso Soberano, conservando a paz pela Justiça, teve tambem gloria de não haver quem, ainda por pensamento, presumisse vencê-lo: sendo sim reconhecido por hum excellente Monarcha, por conservar a Justiça no seu Reyno; sabendo, como prudente, que só nella se firma o Throno de hum Soberano, conforme a letra da Estatua da Justiça, que adorna aquelle sumptuoso Tumulo, em que se symboliza esta virtude, na qual foy singular o nosso Augusto Monarcha na vida; porque *In Justitia regnabit Rex*, imitando ao Santo Rey Ezechias, de quem foy copia, o qual, por observar a Justiça, conforme os dictames de seu Ascendente David, governou em paz o seu Reyno: *Fecit quod erat bonum coram Domino*,

Plin.
in Pa-
neg.

4. Reg.
c. 18.
v. 3.

juxta

juxta omnia , quæ fecit David pater ejus.

Estas são, ó Portugal, em summa as virtudes do Soberano, que lamentas morto: mas se a tão justa dôr se pôde dar lenitivo, agora quero dar hum lenitivo á tua dôr. Adverte, ó Portugal, que Deos com esta molestia tão dilatada quiz purificar o nosso Monarcha; porque tambem o ouro, sendo o principe dos metaes, se purifica no fogo. Nesta enfermidade o Medico foy Deos, a molestia o medicamento, que a dispunha para a faude espiritual, e naõ pena, que o conduziſſe á condenação: que isto mesmo disse Santo Agostinho da enfermidade del-Rey

Ir 2^a. Ezechias, de quem foy copia o nosso Soberano: In-
35. tellige Medicum esse Deum, & tribulationem me-
dicamentum esse ad salutem, non pœnam ad damna-
tionem. Aos nossos olhos, como de ignorantes, pa-

receria que a sua morte seria tudo afflicção, e se enganaraõ; porque tudo foy refrigerio. Duas cousas tem a morte, ser castigo, e ser descanso: para os maos he castigo, para os bons he descanso: para os maos, como he castigo, toca-os com o tormento; para os bons, como he descanso, só os conduz para o refrigerio. Costumamos dizer de hum, que está em perigo de vida, que está nas mãos de Deos: havia muitos annos, que o nosso Augusto Monarcha estava nas mãos de Deos, porque tambem havia annos, que estava a sua vida em perigo; e aos que Deos tem assim na sua mão, naõ os pôde offender a morte com o seu tormento: *Iustorum autem animæ in*

Sapi-
ent. c.

3. x.
1.

Da-
masc.

manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mor-
tis, nem experimentarem os seus horrores, porque
estão nas mãos da vida, como disse Damasceno: Vi-
ta enim est Deus, & lux, & qui in manu Dei sunt,
in

in vita, & luce existunt. Pelos repetidos accidentes da sua enfermidade podia dizer o nosso Augusto Monarcha o que S. Paulo continuamente dizia: *1. ad Quotidie morior*, todos os dias morro: e destes, *Corinth. c.* que morrem todos os dias, se póde dizer que são Bemaventurados quando em algum dia verdadeira-^{15.} mente morrem: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur.* São Bemaventurados os mortos, que morrem em o Senhor, disse a Aguia dos Evangelistas. *14. X.* Eu atégora imaginava que só os vivos morrião, mas ^{13.} agora me convenço que também morrem os mortos: porém que mortos feraõ estes, que também acabaõ a vida? São aquelles, que morrem todos os dias, ou que tem todos os dias a morte diante dos olhos: e como estes estaõ assim sempre morrendo, são Bemaventurados quando assim morrem. O nosso Monarcha, bem sabes tu, ó Portugal, andava sempre em braços com a morte; e como andava continuamente com a morte em braços, foy Bemaventurado quando Deos quiz deixasse a vida nos braços da morte. Destas repetidas luctas, que com ella tinha, lhe perdeu totalmente o medo, pois a esperou sem susto no ultimo conflicto, armado com os Sacramentos da Igreja, podendo, como Cisne, cantar de antes o triumpho. Ora ouve, ó Portugal, para se minorar a tua pena.

Vivia hum Solitario em certo Ermo de Espanha: não disse bem, não vivia; porque hũa terrivel enfermidade o fazia morrer todos os instantes: *Stro-nic.* a esta solidaõ foy caçar certo Cavalheiro, e a poucos passos ouvio hũa agradavel harmonia. Suspendeo-se o caçador, e applicou o ouvido, para attender ao canto, que continuava. Que suaves accents

são estes? (perguntava a si mesmo o caçador) Nim-
 pha não póde ser, que não tem o canto coufa al-
 guma de affeminado: menos he pastor, porque na-
 da tem de tofco: não he Filomena, pois são vozes
 humanas as que percebo. Em fim, attrahido de tão
 suave melodia, foy penetrando o bosque, quando
 reparando em hũa pobre, e humilde cabana,
 vio hum miseravel homem, que só a respiração o
 desmentia cadaver. Attonito ficou o caçador, e de-
 pois de cobrar novos alentos, lhe perguntou: Sois
 vós, amigo, quem cantou tão suavemente? Eu sou.
 (respondeo o Solitario) E como (replicou o ca-
 çador) o desaffinado orgão de vosso corpo póde dar
 vozes tão harmoniosas? Como ao compasso de tan-
 tas dores podeis cantar tão suavemente? Não vos ad-
 mireis; (disse o enfermo) porque o amor me ensi-
 nou esta musica: *Musican docet amor*. Olhay, en-
 tre mim, e o meu Deos não medêa mais que a ar-
 ruinada parede deste meu corpo, que a tantos estra-
 gos o reduzio a enfermidade: cahida ella, me ve-
 jo nos braços de meu Senhor; e como tenho anda-
 do continuamente em braços com a morte, temo-a
 tão pouco, que, como Cisne, ja canto o triunfo do
 ultimo conflicto, da mesma fórte que esta candida
 ave: *Sua funera cantat*. Pelos continuos accidentes
 de tão dilatada enfermidade se via o Regio edificio
 do corpo do nosso Monarcha nos ultimos estragos,
 sempre em braços com a morte, mas sem temor del-
 la, como se observou na valentia do espirito, com
 que a esperou na ultima hora armado com os Sacra-
 mentos, e no socego, com que chamou ao leyto o
 Principe seu filho, dizendo-lhe com animo de Mo-
 narcha Portuguez: *Filho, a morte me tira da cabe-
 ça*

Pici-
 nel.

ça a Coroa, para te coroar Rey de Portugal, Reyno todo de Deos: Conserva em paz a tua Monarchia, obedece á Igreja, faze justiça aos teus Vassallos. Tal impressão fizeraõ estas palavras no coração do nosso Soberano, que felizmente reyna, que parece ainda respira o nosso Monarcha, que lamentamos; podendo-se verificar o que disse o Ecclesiastico de outro famoso Heróe, que morrera, como se não morrera, por deixar a hum filho a elle tão semelhante, que parecia respirava nelle o mesmo espirito de seu defunto pay: *Mortuus est pater ejus, Eccl. & quasi non est mortuus; similem enim reliquit si-* c. 30.
bi post se. Do Santo Rey David refere a Escriptura Sagrada que ja moribundo chamara a seu filho Salamaõ, e lhe intimara com tanta valentia a observancia da Ley Divina, que parece lhe queria introduzir no coração o seu Regio espirito. *Jam moribundus cum exhalaret animam inbalare voluit Salomonis pectori,* disse o Douto Gaspar Sanches. De sorte que o nosso Monarcha expirou, e juntamente respirou: expirou aos olhos dos homens ignorantes; porém respirou não só para reynar no Ceo, (como piamente cremos) mas tambem no peito do nosso Soberano, que felizmente reyna. O vulgo dirá: *Mortuus est pater ejus*; porém os prudentes dirão: *Et quasi non est mortuus*: porque o seu Regio espirito respira no coração do nosso Monarcha, que reyna; pois todas as acçoens, que obra, parecem reguladas por aquelle valente espirito de seu Preclaro Progenitor; que isso mesmo intentou quando moribundo lhe deo tão santos documentos, como o Santo Rey David ao seu amado Salamaõ: *Observa custodias Domini Dei tui, præcepta ejus, & judicia,* 3.Reg. c. 2.
& tes-

& testimonia, sicut scriptum est in lege Moisi. Cum exhalaret animam, inbalare voluit Salomonis pectori.

*Ad
Cor.
I. c.
10.*

Pequeno triunfo alcançou a morte do nosso Augusto Monarcha ! He verdade que no decurso destes annos batalhou com elle com as armas de tantas molestias , defendendo-se o nosso Soberano com o escudo da paciencia : em fim , pô-lo em tal consternação , que o obrigou a deixar a terra , e a desamparar o campo desta mortal vida ; chegou ás praias daquelle proceloso mar , que todos haõ de passar , experimentando suas amarguras : *Omnes mare transierunt.* Oh que apertado transito , em que muitos perigaõ ! Porém o nosso Augusto Monarcha , ajudado daquelle Senhor , a quem tanto servio , e augmentou os cultos , passou este mar , sem experimentar as suas amarguras ; ficando a morte , inimiga universal , vencida em certo modo da fortuna do nosso Soberano. Do famoso Julio Cesar se diz que , perseguido de seus inimigos em hũa batalha , chegára ás margens de hum caudaloso rio , e naõ achando quem o passasse , se despira de seus Reaes vestidos , e se lançou a nado , salvando com a vida o livro dos Commentarios , em que se liaõ as acçoens heroicas da sua vida : chegaraõ seus contrarios , e se contentaraõ com os vestidos , que foraõ os despojos da sua victoria , ficando vencidos de quem esperavaõ ser vencedores. Desde o berço perleguio a morte ao nosso Monarcha Augusto : chegou o tempo , em que era preciso passar o proceloso mar da morte , e que succedea ? Foy o despir-se o nosso Soberano de tudo o que era caduco , e corruptivel , e ajudado daquelle Supremo Numen , a quem tanto servio , levando

levando diante dos olhos, melhor que Julio Cesar, as boas obras, que tinha feito na sua vida, passou com fortuna este perigoso mar, ficando a morte senhora dos despojos, que deixara, vendo-se vencida de quem esperava ser vencedora; ouvindo, a seu pesar, cantar o nosso Soberano o mesmo que Moysés cantou na passagem do Mar Vermelho, á vista de Faraó vencido: *Fortitudo mea, & laus mea, Dominus: Exod. & factus est mihi in salutem.* Verificando-se que 15. acabar a vida o nosso Monarcha foy mais transito para viver, do que morte para acabar: foy morrer para reynar; e morrer para reynar, mais he reynar, que morrer. Acabou como Feniz, deixando á morte os despojos do antigo corpo para renascer immortal: *Non moriar, sed vivam:* e se o nosso Soberano logrou esta dita, como piamente cremos, suspende, ó Portugal, o pranto, que não he justo célebres com lagrimas as felicidades do nosso Monarcha. Lá estará nesse Empyreo cantando o seu triunfo. Lá estará acompanhando ao Santo Rey Ezechias, de quem foy hum vivo retrato na vida, imitando-o nas suas religiosas, e magnificas acçoens, como tambem no sentimento universal que houve no seu Reyno, como expressaraõ os seus amantes Vassallos nas Solemnissimas Exequias, que fizeraõ, depois de o sepultarem no jazigo dos seus Antepassados; ficando por lenitivo da sua faudade hum Principe herdeiro, que lhe succedeo no Throno. *Ægrotavit Ezechias usque ad mortem::: Dormivit cum patribus suis, & sepelierunt eum super sepulcra filiorum David, & celebravit ejus Exequias universus Judá & omnes habitatores Jerusalem, regnavitque Manasses filius ejus pro eo.*

Agora.

Agora contigo fallo, funebre, e sumptuoso Mausoléo, erigido pela piedade, e generoso animo de hum tal Prelado, não só por expressão da sua faudade, mas também por desempenho da sua obrigação: pois he certo, Excellentissimo Senhor, que o sangue corre pelas vêas. Que rico te confidero pelo precioso thesouro, que em ti supponho escondido! Erario estás de toda a nossa riqueza: Reclinatório da Magestade mais venerada: Descanço da Coroa mais suprema, e Pyra do Feniz mais unica. Mas reflectindo na grandeza, e Magestade, que occultas, me pareces pequena Urna para tão soberanas cinzas, e esses funebres apparatus pouca demonstração da nossa pena: e assim quizera se verificasse na morte do nosso Monarcha o que lá cantou o discreto Falcon nas Exequias de Carlos V.

*Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine Cælum,
Sydera pro facibus, pro lacrymis maria.*

O grande Carlos V. merece por tumulo o mundo todo, por cobertura o Ceo, por luminosas tochas scintillantes Estrellas, e por lagrimas o mar com suas correntes. Isto quizera se verificasse nas presentes Exequias, que não merece menos pompa no seu funeral o nosso Monarcha, que lá merecia Carlos V. no conceito daquelle engenho: mas como toda a expressão da nossa magoa não possa igualar a grandeza do objecto, que lamentamos, neste pouco expressaremos o muito do nosso sentimento; porque muitas vezes se acceita no Tribunal de hũa Deydade com mayor agrado a pequena porção de incenso em hum thuribulo, do que a abundancia de aromas, que produz o Oriente; porque estes fim encherão

cheráõ mais o Templo de fumo, porém não collocaráõ nos Altares mayor respeito.

Descansa pois, Monarcha Soberano, nesse Throno de Gloria (como piamente cremos) lavrado por teus grandes merecimentos. Lá faberás, Magnanimo Principe, o pouco, que deixastes no mundo, pelo muito, que possues no Empyreó: eterna seria a nossa dôr, e sem termo a nossa saudade, se tenaõ considerassemos venturoso. Se edificaste tantos Templos para Deos, e lhe augmentaste os cultos, que premios terás, se Deos por hum dá cento? Por agora suspendemos o pranto, que não he justo se vejaõ lagrimas nos olhos dos Vassallos, quando o seu Monarcha logra as delicias de hũa Gloria: Mas se acaso ainda se purifica no Purgatorio esse Regio Espirito; suppliquemos a Deos, mediante estes suffragios, ja que o nosso Monarcha conservou na terra o seu Reyno com descanso, he justo que muito cedo tambem no Reyno da Gloria

Requiescat in pace

Amen.



